A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS CEGAS

CRISTIANE GUEDES DA SILVA

RESUMO

Esse artigo vem buscar reflexões a respeito da contação de histórias para crian ças cegas. Talvez o que nos torna humanos sejam as histórias (reais e imaginárias) que cada um de nós tem dentro de nós. Muitas pessoas pensam que o dom de contar his tórias pertence apenas a escritores, xamãs

nós somos contadores de histórias desde os primeiros dias de nossas vidas. Crianças cegas e com deficiência visual ou surdocega também têm histórias dentro de si. Ajudá-los a contar suas histórias é muito importante para o seu desenvolvimento social, emo cional e cognitivo, principalmente na co municação e na alfabetização. As histórias vêm em uma variedade de formas: poesia, música, movimento, imagens, peças e até piadas de papai. Os criadores das histórias

de sinais, filmes e dança para compartilhar as histórias com outras pessoas. Algumas histórias são dinâmicas, nós as ouvimos ou vivenciamos e então elas desaparecem. As histórias tornam-se estáticas quando as

para que possamos revisitá-las continua

Palavras-chave:

INTRODUÇÃO

Crianças com deficiência visual ou surdocega podem vivenciar uma história explorando taticamente os itens coletados

materiais usados para tomar banho, se fo rem colocados em uma caixa ou bolsa de experiências. Outra criança com baixa visão pode gostar de livros ilustrados simples com impressão limitada. Áudio e braille são ou tros meios que podem ser usados para com partilhar uma história com outras pessoas.

A forma ou o meio não são tão impor tantes quanto a própria história ou a criação da história.

Damos sentido às nossas experiên cias de vida em parte pelas histórias que aprendemos ou contamos a nós mesmos. Imagine uma história que a criança possa

"Está escuro e tempestuoso. Estou

chorar alto, papai ou mamãe virão me sal

para si mesma a história, ela não sabe se é ficção ou não. Ele está apenas construindo uma história baseada em sua experiência do que acontece quando ele grita à noite. Mas o poder dessa história pode ajudar a acal má-lo e a agir para atender às suas próprias necessidades. Isso pode ser verdade para muitas histórias que lemos ou ouvimos.

Mesmo as histórias que podem nos assustar um pouco nos ajudam a enfrentar, porque o resultado para o protagonista ou herói acaba dando certo. Portanto, quando enfrentamos desafios em nossas próprias vidas, podemos ter uma certa crença de que

tudo ficará bem, eventualmente, se agirmos.

Na verdade, a pesquisa mostra que o uso da escrita expressiva pode nos ajudar a

cos e pode até impactar positivamente nos

criando histórias. Nós inventamos histó

nosso dia antes de irmos para o escritório. Contamos a nós mesmos histórias sobre os

cionantes que faremos ao planejar nossas férias. Contamos a nós mesmos histórias sobre como as pessoas nos tratam e como as tratamos. Somos nossas histórias.

Muitas pessoas podem não concor

muitos de nós começam a aprender o poder de nossa própria memória e imaginação. As histórias contadas em uma família ou cultura tornam-se ainda mais poderosas à medida que são compartilhadas ano após ano. Eles se tornam parte de quem somos, no que

Quando preservamos as histórias de

gravação ou um filme, pessoas de diferen tes épocas e lugares podem compartilhar essa história. Muitas dessas histórias orien tam populações inteiras no aprendizado de como viver suas vidas (por exemplo, textos religiosos e espirituais, a Constituição).

Usar nossa imaginação para modifi car uma história existente ou criar um mun do fictício nos permite criar soluções para problemas existentes ou imaginar lugares onde existem outros desafios.

O INÍCIO DA ALFABETIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

zar desde o dia em que nascem. Os profis

crevem como um processo iniciado muito

à alfabetização, moldada desde o nasci mento por mensagens de cuidadores, é uma parte importante para se tornar um leitor.

para a alfabetização é construída à medida que uma criança desenvolve atitudes positi

que "eu posso".

Gradualmente, a criança começa a imitar a leitura e a escrita das pessoas ao

gens, fingindo ler um livro familiar. Ela per cebe e aprende mais e mais sobre os sons nas palavras e sua relação com as letras à medida que ela “faz a ponte” entre a leitura

Embora o período de alfabetização

jardim de infância ou a primeira série, não é definido pela idade. Uma criança mais velha que enfrenta desafios para aprender

de alfabetização desde cedo. Ela pode co

a alfabetização para muitos propósitos na escola e em casa. Ou ela pode aprender a ler palavras-chave úteis para ajudá-la nas atividades diárias - ler uma lista de compras, programação, cardápio e rótulos. Não é pos

ao longo do caminho para a alfabetização.

No entanto, todas as crianças podem pro gredir e se beneficiarão das expectativas positivas e do apoio de pais e professores.

Tanto as letras braille quanto as letras impressas são símbolos que representam a linguagem falada, então não é surpreenden

uma base semelhante para uma criança que

uma criança que lerá impresso.

A alfabetização precoce para todas as crianças baseia-se na aprendizagem e

- Linguagem - a capacidade de falar e ouvir com compreensão

formados por meio da experiência, que dão sentido à linguagem que a criança aprende

- Habilidades necessárias para aprender por meio do toque (para uma

visão (para uma criança que vai ler impres

gem escrita - consciência de como e por que

ferramentas usadas para criar a linguagem

Às vezes, a ênfase ou a forma de aprendizagem serão diferentes para uma criança com deficiência visual. Uma criança que vai ler braille precisa de muitas oportu nidades para aprender com a experiência em primeira mão, uma vez que ela não pode aprender observando os outros. Ela precisa de apoio especial para desenvolver o sen

para aprender e se alfabetizar. De impor

tância crítica, ela deve encontrar e explorar o braille e as ferramentas para escrever em braille, assim como uma criança que lê livros impressos requer livros impressos e ferra

da, mas que lerá impressos, fazer o uso mais completo possível de sua visão será o foco da instrução, permitindo que ela veja e "desbloqueie" o significado da impressão ao

a explorar, usando todos os seus sentidos para aprender. Será importante fornecer ilu minação adequada e material de impressão

traste. (O Apêndice A lista os recursos que contêm informações sobre materiais, ajudas especiais e estratégias de aprendizagem para ajudá-lo a atender às necessidades de uma criança com deficiência visual que lerá impressos.)

zação para uma criança - braille ou impres são - pode não ser óbvio, especialmente

conhecido ou está mudando. Um professor pode recomendar proporcionando ambos os materiais em braille e de impressão até que mais informações podem ser recolhidas. Ha bilidades para aprender por meio do toque e

aprendem a ler impressos e braille, usando cada um para finalidades diferentes, ao lon

Uma criança que enfrenta desafios significativos para aprender a ler braille ou imprimir pode ter mais sucesso usando um

imagens visuais ou símbolos táteis (textu ras, pequenos objetos ou linhas em relevo)

para comunicar o significado. Eles permitem

cessidades e compartilhe informações sobre atividades e rotinas diárias. Ela precisará desenvolver conceitos e habilidades para aprender por meio do toque (ou visão). Ela também deve aprender que um símbolo é algo que representa outra coisa e comunica significado.

AS HISTÓRIAS E AS RESOLUÇÕES

As histórias também nos ajudam a resolver problemas, proporcionando oportu nidades para experimentar ações diferentes que podem levar a resultados diferentes. Isso é especialmente verdadeiro se outra pessoa estiver ajudando a co-criar a história.

tória conosco, ele ou ela pode sugerir uma

será o resultado da história com essa nova reviravolta? O que posso aprender com a

podemos resolver um problema ou situação escrevendo sobre ele ou criando uma histó

em um aeroporto ou esperando para ver

atrai nossa atenção e ajuda a tornar o tempo mais fácil. Para muitos de nós, não há me lhor forma de fuga do que enfiar o nariz em um livro e desaparecer na história. Com o advento dos audiolivros e podcasts, muitos de nós ouvimos histórias enquanto corre

avião. Para muitos de nós, ler ou ouvir histó

As histórias servem a muitos propósi

tos em nossas vidas. As histórias são muito mais do que apenas ler ou ouvir. Eles são fundamentais para o desenvolvimento cog

A alfabetização começa com histórias

a nós mesmos. Co-criar histórias com um adulto ou colegas ajuda nossos filhos e alu nos a começar a criar histórias que possam compartilhar com outras pessoas.

Os adultos começam a “contar histó rias” com bebês e crianças pequenas, com partilhando versos infantis, canções e his tórias para dormir. Então, nós os ajudamos a aprender a ler as histórias dos outros e a escrever as suas próprias.

As histórias nos ajudam a compreen der os outros e a nós mesmos. Sentimos empatia com os personagens que encon tramos nas histórias. Essa capacidade de aprender com as histórias é uma habilidade que ajudará nossos alunos por toda a vida. Além de objetivos acadêmicos, as histórias

para viver.

MEDIDAS PEDAGÓGICAS PARA SALAS COM CRIANÇAS ESPECIAIS

Uma sala de aula inclusiva parte da concepção de que todas as crianças podem aprender e fazer parte da vida escolar e

possa oferecer maiores oportunidades para a aprendizagem a todos os que nela estão

As políticas educativas devem ter em

ções distintas. A importância da linguagem

surdos, por exemplo, deverá ser reconhe

acesso à educação na linguagem gestual do seu pais. Devido as necessidades par ticulares dos surdos e do grupo de cegos, é possível que a sua educação possa ser

colas especiais ou em unidades ou classes especiais nas escolas regulares (DECLARA ÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

O professor tem que ministrar o seu tempo, não pode dar muitos conteúdos de uma só vez, pesquisa mostram que quando

mais eficaz.

O professor que atua com criança deficiente auditiva deve sempre estar atento

apresentam para se comunicar, a fim de conseguir melhorar suas expressões orais,

é praticado no concreto sempre, pois pos suem grande dificuldade para abstrair o pensamento.

da como a segunda língua para os surdos, pois a sua primeira é a libras, pois a partir do domínio da libra o surdo poderá desen volver-se nas disciplinas e em outras lín

A aprendizagem é destoante e he terogênea. Aprendemos coisas diferentes daquelas que nos ensinam, em tempos distintos (...), mas a aprendizagem ocorre sempre. Precisando de uma pedagogia que

pais, com a comunidade, com os fracassos

(com o fim deles), e que produza outros ti pos humanos, menos dóceis e disciplinados. (ABRAMOWICZ, 1997, p. 27)

No Brasil foi realizado o primeiro

Educação Especial, em 1977 e em 1981 com base nos sensos escolares, planejados e executados pelo Serviço de Estatística da Educação e da Cultura (BRASIL, 1984).

Os dados demográficos foram incor porados às estatísticas oficiais em função da disposição contida na Lei n.7.853 que, em

“serão incluídas no censo demográfi

concernentes às problemáticas da pessoa portadora de deficiência, objetivando o co nhecimento atualizado do número de pes soas portadoras de deficiência no

País” (BRASIL, 1989). Esta indica ção foi ampliada no Decreto Presidencial n.3.298, de 20 de dezembro de 1999, que regulamentou a Lei 7.853, de 24 de outubro de 1989, que dispôs sobre a Política Nacio nal para a Integração da Pessoa com defi ciência auditiva. Com relação aos sistemas segregados de ensino, verifica-se cresci mento das matrículas no que tange à defi ciência auditiva, física e mental, com desta que para o índice elevado de crescimento das matrículas de deficientes auditivo.

mente às formas de segregação social e educacional impostas às pessoas com defi ciência. Para Vygotsky a restrição do ensino à dimensão concreta dos conceitos é uma

práticas educacionais da educação especial.

e retificadora da condição psíquica destas

pessoas, a proposição de formas de ensino

riais resulta na restrição das suas oportuni

qual, ao não se acreditar na capacidade de aprender das pessoas com deficiência, não lhe são ofertadas condições para superarem suas dificuldades. Em consequência, elas fi

rentes à deficiência, tomados assim como fatos consumados e independentes das condições educacionais de que dispõem.

verifica-se incremento das matrículas para todos os tipos de deficiência, com propor ções semelhantes nas matrículas de defi

por volta de nove vezes em 2006, em rela ção às matrículas de 1998, e cerca de cinco vezes em relação às matrículas de deficien tes auditivos, no mesmo período.

regulares, por tipo de deficiência, encon

especiais em classes regulares, que era de aproximadamente cinco vezes menor que nos sistemas segregados (pouco mais de 7 mil, contra 35 mil) em 1998, a ele se equipa rou em 2006 (35 mil, contra 33 mil).

A presença de discentes cegos, surdos ou com outras deficiências na rede

Entende se que as escolas públicas não pode deixar de atender as especificidades desse grupo de pessoas, possibilitando lhes o melhor acesso aos serviços nela existente,

tuições de ensino apresentam para o atendi mento dessas pessoas ainda são precário , Por outro lado , há uma grande expectativa e uma constante procura da comunidade

devido as difíceis condições de permanência

A Educação Especial é um tema bas tante preocupante. Pesquisas desenvolvidas no Brasil indicam que um número significati vo de sujeitos com alguma deficiência e que passaram por vários anos de escolarização apresenta competência para aspectos aca dêmicos muito aquém do desempenho de alunos ditos normais, apesar de algumas crianças com deficiência motora ter suas capacidades cognitivas iniciais serem se

modo, diversas têm sido as formas de reali zação da inclusão. Todavia, é inegável que

zação pouco responsável então, a partir de uma experiência de inclusão de aluno surdo

FESSORES NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

çado ainda mais pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) e pelos Objetivos de Desenvolvimen to Sustentável (2015), o primeiro tornando

pla. O papel central do professor não pode

ser subestimado se pretendemos oferecer educação universal e inclusiva para todos.

forçando para desenvolver uma educação inclusiva em seus contextos únicos. Ao mes mo tempo, os esforços de colaboração de agências internacionais como o Banco Mun

mudança sistêmica no mundo e no mundo.

Dessa forma, enquanto pretende-se

coisas diferentes com a palavra "inclusão". É por isso que a pesquisa comparativa inter nacional é necessária para lançar luz sobre

inclusiva em diferentes países e sobre as maneiras pelas quais o histórico cultural único de um país afeta a promulgação da inclusão no contexto local. O papel dos pro

e instabilidade, exigindo reorganização, mu

resistência (MINETTO, 2008, p.17).

As chaves para o sucesso são as políticas de formação de professores que apoiam atitudes positivas dos professores e a implementação da educação inclusiva em cada contexto específico de cada país da melhor maneira possível, reconhecendo que

país de alta renda (por exemplo, grandes quadros da equipe de suporte profissional)

pode não estar disponível em um país de baixa renda. De qualquer forma, é importan te que o professor não seja deixado sozi nho, mas apoiado pelo incentivo à liderança, outros professores e, tanto quanto possível, por outros profissionais disponíveis na esco

da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996, artigo 62,

A formação de docentes para atuar na educação básica far-seá em nível supe

plena, em universidades e institutos superio

mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras sé

SIL, 2006)

Em muitos países, o debate sobre inclusão ainda é muitas vezes reduzido à pergunta sobre o local apropriado para edu car as crianças que não estão aprendendo

para fornecer educação de qualidade a to

locais. A espinha dorsal dessas estratégias criativas de apoio é baseada em boas prá ticas pedagógicas e apoio, que se baseia em atitudes positivas dos professores, edu cação efetiva e profissional dos professores para inclusão, que podem contribuir para a eficácia adequada dos professores, além de conhecimentos e habilidades para o uso de maneiras eficazes de ensino para todas as

Para apoiar o aprendizado de todas

as crianças, é importante que todos os pro fessores aprendam sobre pedagogia inclu

bém precisam de exposição suficiente para ensinar diversos grupos de alunos nas salas de aula de educação geral, promovendo assim sua eficácia e tornando suas atitudes mais positivas em relação à inclusão.

Segundo Demo (1987, p. 39)

[...] a atividade científica é um atribu

se dedicar à atividade de descobertas de novos conhecimentos, procurar novas rela ções onde elas aparentemente são impos síveis, descortinar pensamentos e teorias e colocá-las a serviço do que se pretende

(DEMO, 1987, p. 39)

A principal mudança de pensamento

sidades educacionais específicas em uma

ser encaminhada para outro lugar para obter apoio. Pelo contrário, em geral, deve-se de senvolver apoios mais intensivos nas salas de aula comuns, onde todos os alunos po dem receber apoio para participar e apren der de maneira eficaz. Quando necessário, os trabalhadores de apoio devem ser enca minhados à escola da criança para trabalhar com professores e alunos e encontrar so luções inclusivas que funcionem para eles. Isso, por sua vez, apoiará o aprendizado

cem e se sentem à vontade e desenvolvem ainda mais o aprendizado positivo e as inte

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mais cedo possível, uma criança com deficiência visual deve ser avaliada cuidadosamente para determinar se ela confiará no sentido do tato para aprender ou se usará a visão em uma parte significativa de sua aprendizagem. Esta é uma decisão inicial crítica que afeta seu caminho para

usarão o toque - precisarão ser expostos ao braille e também podem se beneficiar da ex periência com símbolos em um sistema de

gem falada, tomando consciência dos sons da linguagem, aprendendo a ouvir e a falar com compreensão. Uma criança aprende a se comunicar - primeiro por meio de gritos e gestos e, mais tarde, por meio de pala vras. Quando os cuidadores respondem às primeiras tentativas de seus filhos de se comunicar, eles estimulam as primeiras ha bilidades de linguagem. A criança aprende a

a conhecem bem e podem interpretar suas primeiras palavras. À medida que ela cres

a formar frases mais complexas e aprender novas palavras.

O vocabulário que ela constrói, des

significado nas palavras que lê. Ao longo de seus primeiros anos, ela também aprimora sua capacidade de ouvir os sons internos, palavras faladas. Perceber palavras que rimam e palavras que começam com o

senvolvendo consciência fonêmica. Quando ela começa a ler, essa percepção a ajuda a vincular os sons às letras escritas.